

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM INFANTIL NO CONTO *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO

THE CONSTRUCTION OF THE CHILDREN'S CHARACTER IN THE SHORT STORY *NEGRINHA*, BY MONTEIRO LOBATO

LA CONSTRUCCIÓN DEL PERSONAJE INFANTIL EN EL CUENTO *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO

Isabela Aparecida Zambuzi de Moraes¹
João Paulo Hergesel²

Resumo: Este artigo buscou compreender os processos de construção da personagem infantil Negrinha na obra homônima de Monteiro Lobato. Para isso, realizou-se uma análise narrativa e estilística pautada nos estudos de Todorov (2011), Candido (2014), Martins (2012), Henriques (2018), entre outros. O estudo mostrou-se relevante: socialmente, por retratar, por meio da Literatura Brasileira, as reflexões sobre a infância negra e o racismo na realidade nacional; cientificamente, por esse tipo de análise, mesclando narrativa e estilo, contribuir para os estudos sobre a perspectiva infantil; e interdisciplinarmente, por adentrar o subjetivismo do imaginário infantil a partir da arte literária composta, hipoteticamente, pela objetividade do adulto.

Palavras-chave: Estudos literários. Personagens infantis. Narrativa. Estilística. Monteiro Lobato.

Abstract: This article sought to understand the construction processes of the child character Negrinha in the homonymous work by Monteiro Lobato. For this, a narrative and stylistic analysis was performed based on studies by Todorov (2011), Candido (2014), Martins (2012), Henriques (2018), among others. The study is relevant: socially, because it portrays, through Brazilian Literature, the reflections on black childhood and racism in the national reality; scientifically, through this type of analysis, mixing narrative and style, contribute to studies on children's perspective; and interdisciplinary, for entering the subjectivism of the child's imagination from the literary art composed, hypothetically, by the objectivity of the adult.

Keywords: Literary studies. Children's characters. Narrative. Stylistics. Monteiro Lobato.

Resumen: Este artículo buscó comprender los procesos de construcción del personaje infantil Negrinha en la obra de Lobato. Para ello, se realizó un análisis narrativo y estilístico basado en estudios de Todorov (2011), Candido (2014), Martins (2012), Henriques (2018), entre otros. El estudio es relevante: socialmente, porque retrata, a través de la literatura brasileña, las reflexiones sobre la infancia negra y el racismo en la realidad nacional; científicamente, a través de este tipo de análisis, mezclando narrativa y estilo, contribuir a los estudios sobre la perspectiva de los niños; e interdisciplinar, por adentrarse en el subjetivismo de la imaginación infantil desde la objetividad del adulto.

Palabras clave: Estudios literarios. Personajes infantiles. Narrativa. Estilística. Monteiro Lobato.

Submetido XX/XX/2021

Aceito XX/XX/2021

Publicado XX/XX/2021

¹ Graduanda em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista FAPIC (PUC-Campinas). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8076-5913>. Contato: isabela.azm@puccampinas.edu.br.

² Doutor em Comunicação (UAM). Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1145-0467>. Contato: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

Introdução

A ideia que se tem de infância é resultado de um processo de construção histórica, social e cultural que se desenvolveu através dos séculos. Como aponta Philippe Ariès (1978), o interesse pela criança apenas surgiu por volta do século XIII e foi apenas com o surgimento da burguesia, trazendo uma nova concepção de família e a implantação do sistema educacional burguês, que a noção do infantil principiou a se parecer com o que há contemporaneamente e a refletir na Literatura (SIMÕES, 2013). Assim, a imagem infantil começou a ser representada em obras direcionadas aos adultos e às crianças. Monteiro Lobato é um grande nome no meio da Literatura Infantil, sendo considerado um precursor para o gênero no Brasil, Zilberman (2011) aponta que o autor tinha suas obras bem recebidas pelas crianças, tendo como exemplo *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920). Assim, Lobato colocou em evidência o imaginário infantil. Contudo, o autor também produziu obras para o público adulto, como o conjunto de seis contos intitulado *Negrinha* (1920). Entre eles, está o conto homônimo ao livro (LOBATO, 2012) e objeto de estudo deste artigo. Apesar de não ter o público infantil como alvo, ele trabalha com a perspectiva da criança através de um narrador crítico e onisciente. Considerando a relevância de Monteiro Lobato para as obras envolvendo a imagem da criança, optou-se por analisar o processo de construção da imagem infantil no conto *Negrinha*.

O conto está inserido no século XX, em uma sociedade ainda marcada por ideias vindas do período escravocrata e o contexto da narrativa está situado durante o período pós-Abolição, momento em que não houve esforços do Estado para a criação de políticas integrativas que pudessem assegurar as condições necessárias no processo de transição a um novo sistema de trabalho para os ex-escravizados (MARINGONI, 2011). A narrativa se desenvolve em torno de *Negrinha*, menina de sete anos, órfã e filha de mãe escravizada que está sob os cuidados de Dona Inácia, antiga senhora de escravos. Desse modo, além de analisar o trabalho com a imagem infantil, também é possível revisitar uma obra que contribui com o resgate de parte do patrimônio literário nacional e contexto histórico.

A análise do conto *Negrinha* investigou a construção da personagem principal e a inserção do olhar crítico do narrador na obra que expõe a visão e o discurso da criança por meio do deslocamento narrativo. Assim, houve a observação do foco narrativo e seu deslocamento para a identificação dos pensamentos do narrador e, por meio do levantamento dos usos lexicais empregados no conto, o reconhecimento dos pensamentos e da construção da personagem

infantil Negrinha. Usou-se uma análise narrativa e estilística da obra para realização de tal estudo. Para a execução da análise, foram usados os autores Nilce Sant'Anna Martins (2012) e Claudio Cezar Henriques (2018) para tratar da Estilística. Já para o trabalho com a narrativa e foco narrativo, partiu-se de autores como Benjamin Abdala Junior (1995); Antonio Candido (2014); Anatol Rosenfeld (2014); Cândida Vilares Gancho (1991); Roland Barthes (2011); Claude Bremond (2011); e Tzvetan Todorov (2011). O estudo realizado neste artigo se dividirá na observação da perspectiva do narrador onisciente em relação à Dona Inácia e a sociedade da época, na análise do foco narrativo deslocado para Negrinha e na construção da imagem infantil por meio dos usos lexicais.

A narrativa e o estilo de Monteiro Lobato

Mesmo que muito conhecido pela Literatura Infantil, Monteiro Lobato produziu diversos textos direcionados ao público adulto, mas tendo a infância como tema e a presença de personagens infantis. Segundo Bignotto (1999), as atividades sociais, culturais e grupos representados em tais obras são de extrema importância, já que auxiliam na compreensão das personagens, suas ações, e valores, assim como as questões que Monteiro Lobato intencionava transmitir em suas obras. Os contos do autor estão no contexto pós-Abolição e nos primeiros anos da República no Brasil e, de acordo com a autora, na época as relações entre crianças e adultos nas obras de Monteiro se dão de duas formas: quando contextualizadas nas camadas mais baixas da sociedade, a criança é vista e tratada como um adulto em miniatura. Já quanto se trata da elite, o conceito de infância é próximo do que há atualmente e a criança é realmente percebida como uma, com suas individualidades e especificidades. Bignotto (1999) aponta que “a origem de tamanha diferença, não só com relação à infância, entre os costumes do Brasil caboclo e os costumes do Brasil urbano, estava, segundo Monteiro Lobato, na forma como a cultura era transmitida nos dois grupos” (BIGNOTTO, 1999, p. 66).

Em *Negrinha*, a noção de infância tomada pelo narrador é o da elite, considerando Negrinha e as sobrinhas de Dona Inácia como crianças. Por outro lado, em contraste com a visão do narrador, a antiga senhora de escravos somente enxerga como criança suas sobrinhas, enquanto Negrinha não é nem mesmo tida como um adulto em miniatura, já que não é vista como ser humano.

Levando em conta estas considerações, é notável que o contexto do conto é de extrema importância para o analisar, visto que as ideias de infância presentes no ambiente em que foi produzido afetam a maneira como a criança foi representada e a personagem infantil construída. Lima, Ferreira e Silva (2016) apontam que Lobato inseriu as percepções de um período que passava por um processo de mudança no início do século XX, em que os ex-escravizados foram deixados à margem de uma sociedade racista e segregada social e economicamente. Negrinha nem ao menos tem um nome de verdade, possui apenas um apelido depreciativo. Não sendo considerada digna de uma identidade própria, a garota não é vista como um ser humano. Assim, Negrinha representa um coletivo e não um indivíduo, as pessoas que conseguiram se libertar do sistema escravista e que tentaram se estabelecer em uma sociedade que não ofereceu condições para a sua inserção, assim sofrendo o preconceito de uma sociedade excludente. Por outro lado, Dona Inácia também tem um papel representativo, os senhores de escravos que não aceitaram a mudança ocorrida com a abolição.

Devido às circunstâncias em que Negrinha está, não é possível que ela desfrute de sua infância de maneira adequada como as sobrinhas de Dona Inácia. Dill e Ghazri (2018, p. 365) apontam que “as crianças se valem do seu rico imaginário para escaparem de suas frustrações e angústias da vida cotidiana”. Contudo, a personagem não tem permissão para brincar como uma criança normal, pois ela está sempre sendo coagida por Dona Inácia, tentando não irritar para não receber punições, sua vida está completamente voltada para as vontades da senhora. A única maneira que a criança encontra de fugir de sua realidade é através de sua imaginação, o lúdico de sua mente é lugar em que Negrinha pode encontrar paz e pode viver sua infância. Dill e Ghazri (2018) afirmam que apenas quando a menina é permitida brincar de boneca que se torna consciente de sua humanidade. É na fantasia da brincadeira que ela encontra refúgio e é a sua ausência que a mata.

Personagens infantis na literatura “adulta”

Segundo Gancho (1991, p. 10), a personagem é um “ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo, é quem faz a ação”. Mesmo que baseada em uma pessoa real, a personagem sempre será fictícia e só existirá se realmente participar do enredo, falando ou agindo. Originalmente, a personagem era a representação da pessoa no teatro, categoria que foi atribuída para a Literatura posteriormente. Abdala Junior (1995) aponta que o discurso concede

à personagem uma série de predicados de acordo com que o narrador, outras personagens e a própria diz e pensa, assim como suas ações. É importante que se distinga a diferença entre pessoa e personagem, a primeira indica um indivíduo que pertence ao espaço humano, já a segunda é a um ser fictício que se refere a uma pessoa e à realidade.

De acordo com Rosenfeld (2014, p. 21), é a personagem “que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza”. O autor indica que os verbos que definem processos psíquicos, ao se referirem às experiências temporalmente determinadas de uma pessoa, não podem aparecer em um escrito histórico ou psicológico, pois apenas com a presença de uma personagem é possível o surgimento de orações categoricamente diversas de qualquer enunciado, em situações reais ou em textos não fictícios. As pessoas e os objetos reais são totalmente determinados, ou seja, são unidades concretas e integradas de uma finalidade de predicados. Desses predicados apenas alguns podem ser abstraídos, assim não se pode esgotar a multiplicidade infinita das determinações dos seres reais. Desse modo, a visão que temos dos seres humanos individuais é fragmentada e limitada. Por outro lado, em um romance a personagem é sempre uma configuração esquemática. Pelo fato de trabalhar com orações ao invés da realidade, o autor do texto pode realçar certos aspectos, fazendo com que as personagens tenham um caráter mais nítido do que a observação da realidade oferece, elas são mais coerentes do que as pessoas reais e tem maior significação.

Na narrativa, há a presença de personagens mais simples, com características redundantes e com tendência a não evoluir, mantendo-se estáticas e com comportamentos previsíveis. Essas são classificadas como personagens planas. Personagens que são mais complexas são imprevisíveis, têm características que se repetem, mas também que se modificam sendo, assim, ambíguas. Entretanto, as transformações sofridas por suas características devem concordar com a lógica interna da narrativa. Essas são as personagens redondas e que tomam as posições centrais da narrativa, pois têm complexidade psicológica e exigem focalizações internas. Além disso, é apenas no gênero narrativo que há a possibilidade de surgimento de formas de discurso ambíguas e que são projetadas de duas perspectivas simultaneamente, a da personagem e a do narrador fictício. As relações das personagens que se desenvolvem ao longo das histórias, podendo ser alianças ou confrontos, são motivadas pelas funções de cada uma. Elas podem ser protagonistas, que são o sujeito da ação e os conflitos se dão em torno delas; oponentes, são as que colocam obstáculos para ação da personagem

principal e graças a elas há o desenvolvimento do conflito; e adjuvantes, que auxiliam o protagonista na busca de seu objeto e pode mudar de função.

Segundo Candido (2014, p. 54), o enredo só existe através da personagem, pois essa “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção, transferência etc.”. Apesar de ser o elemento mais comunicativo da arte novelística moderna, a personagem só tem significado se estiver dentro de um contexto. O autor afirma que o romance se baseia em uma relação entre o ser vivo e o ser fictício que é manifestada através da personagem. Uma personagem precisa dar a impressão de que é como um ser vivo participando de um universo que se assemelha com a vida que conhecemos. As personagens são mais conscientes e tem contorno definido, pois obedecem a uma lei própria em há uma lógica preestabelecida pelo autor.

Em *Negrinha*, a predicação acontece de forma direta, ou seja, o narrador é quem informa as características das personagens. No conto, *Negrinha* e *Dona Inácia* são qualificadas de forma bastante detalhada, sabe-se seus atributos físicos e também suas percepções sobre o universo da narrativa. Ambas são personagens complexas, sendo as que ocupam os papéis principais, que tem seus interiores revelados e que passam por um processo de mudança ao decorrer da história. *Negrinha* com sua descoberta de si mesma como humana e *Dona Inácia*, ao deixar de ser importunar a criança após o episódio com a boneca de suas sobrinhas.

Negrinha é a protagonista, assim é em torno dela que os conflitos da narrativa se organizam. No conto, é narrada a vida da personagem, de seu nascimento até a sua morte, mostra-se, então, os conflitos com *Dona Inácia*, inconformada com o fim da escravatura. A antiga senhora de escravos não reconhece a criança como um ser humano, assim impondo diversas dificuldades a ela, agredindo-a de todas as formas e a tirando sua percepção de si mesma como uma pessoa. Desse modo, *Dona Inácia* coloca-se como a personagem oponente, criando obstáculos para ação da protagonista que, neste caso, seria apenas viver sua infância.

Aspectos metodológicos

O estudo realizado neste artigo se constituiu de uma análise narrativa (ABDALA JUNIOR, 1995; CANDIDO, 2014; ROSENFELD 2014; GANCHO, 1991; BARTHES, 2011; BREMOND, 2011; TODOROV, 2011) e estilística (MARTINS 2012; HENRIQUES, 2018), com o intuito de compreender como os recursos linguísticos estabelecem uma conexão entre a

ficção e o contexto social. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, propondo novos levantamentos teóricos sobre os estudos já publicados a respeito do tema; empírico, aplicando testes de caráter qualitativos sobre os objetos que compõem o *corpus*; analítico-conteudista, observando como a narrativa se materializa e quais recursos estilísticos são apropriados pelas obras. A seguir apresentam-se as noções gerais de narrativa e estilística.

Barthes (2011) aponta que a narrativa está presente em diversas obras socioculturais, como no conto, na fábula, no drama, na pintura, nas histórias em quadrinho e até mesmo na conversação. Assim, a narrativa se encontra em todas as sociedades, grupos, tempos e lugares e pode ser considerada internacional, trans-histórica e transcultural. Como objeto da comunicação, na narrativa há sempre um doador e um destinatário, ela não existe sem um narrador e um leitor ou ouvinte. Segundo Bremond (2011, p. 113-114), toda narrativa “consiste em um discurso integrado uma sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma ação não há narrativa onde não há sucessão, mas descrição, dedução, efusão lírica etc.”. Assim, Gancho (1991) afirma que a narrativa é composta por cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

De acordo com Martins (2012), foi apenas nas primeiras décadas do século XX que a estilística passou a denominar uma disciplina ligada à Linguística, tomando o lugar que a Retórica costumava ocupar. Seu intuito científico é de explicar os usos da linguagem que ultrapassam sua função somente denotativa. Ela surgiu com os autores Charles Bally (1865-1947), com a estilística da língua, e Leo Spitzer (1887-1960), com a estilística literária. A autora define a estilística como uma disciplina que se volta para os fenômenos da linguagem e tem como objeto o estilo. As teorias estilísticas podem ser colocadas em dois grupos: as que consideram o fenômeno estilístico como objeto de pesquisa em si mesmo e as que o consideram como um meio de acesso à interioridade do escritor. De qualquer modo, há sempre o reconhecimento de uma função representativa. Henriques (2018) define o estilo como a maneira que os indivíduos usam os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e discursivos da língua para que possam expressar seus pensamentos e opiniões de forma escrita ou oral. Há expressividade no estilo, pois ele é capaz de revelar características do emissor para o seu interlocutor. Henriques (2018) afirma que a Estilística lida com um dado que é concreto, ou seja, o texto, pois é neles que se encontram os “fatos estilísticos” a serem analisados. Assim, o principal material estudado na estilística é a linguagem poética.

O percurso metodológico usado para a realização desta análise se deu na

1) escolha do objeto de pesquisa, considerando sua contribuição artístico cultural, seu impacto socioeducacional, sua relevância científico acadêmica, sua relação político histórica e/ou seu caráter ético ambiental; 2) leitura direcionada, para que seja possível elencar pontos que demandem maior atenção, tendo em mente os objetivos que se almejam alcançar com a análise; 3) leitura atenciosa, identificando fatores linguísticos que se justifiquem em si mesmos, como escolhas lexicais e figuras de linguagem, ou se vinculem a outras potências comunicativas internas do texto analisado; 4) leitura contextual, buscando alinhavos entre o conteúdo, a forma e as relações interpessoais e intertextuais que se estabelecem, frisando a experiência do autor e demais informações do contexto de produção; 5) leitura crítica, questionando as cargas sociais, culturais, históricas, políticas, geográficas e/ou outras características dos contextos de produção e fruição que se despontam. (HERGESEL, 2021, p. 242-243).

O conto *Negrinha*

Filha de uma mulher escravizada, Negrinha nasceu na senzala e acabou sob os cuidados de Dona Inácia, antiga senhora de escravos que não se conformou com a abolição da escravatura. A menina sempre viveu negligenciada, física e psicologicamente, como é dito na obra: “[...] vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos” (LOBATO, 2012, p. 8). Negrinha fora tratada por Dona Inácia e por todos os outros adultos ao seu redor de forma bastante desumana, sendo frequentemente referida por insultos e termos depreciativos, não conseguindo reconhecer a si mesma como humana e tendo como seu único meio de fugir de sua realidade o cuco do relógio. Para a antiga senhora de escravos, Negrinha era uma forma de relembrar os tempos de escravidão e suprir o incontentamento após a abolição. Com a chegada das sobrinhas de Dona Inácia, Negrinha finalmente conhece brinquedos de verdade, que permitem que ela exercite seu imaginário infantil e finalmente se reconheça como uma pessoa. Infelizmente, essa é uma conquista que a levou a uma morte prematura, já que a menina não era mais capaz de aceitar sua realidade.

O narrador do conto se ajusta às perspectivas de Negrinha, assim evidenciando os sentimentos e pensamentos da personagem. Ao mesmo tempo em que traz a visão da criança, o ele também insere suas opiniões e crítica sobre as condutas de Dona Inácia, expondo um ponto de vista maduro sobre elas. A análise que se faz a seguir procura mostrar como o deslocamento do foco narrativo contribui para a focalização nas visões do narrador e de

Negrinha, assim como o léxico é usado na construção da personagem infantil. Para tal, usou-se da estilística lexical.

O foco narrativo

De acordo com Abdala Júnior (1995), o foco narrativo é o ângulo pela qual o narrador conta a história, ele não é fixo, mas oscila de forma constante. O foco narrativo no conto *Negrinha* é um fator crucial para a expressão das críticas do narrador e da construção da personagem infantil. Ao oscilar da personagem para o narrador, é possível notar mudanças na forma como o léxico e ideias são introduzidos no texto, assim como o autor indica:

Quando muda o mediador, os fatos são filtrados por uma forma diferente de consciência narradora, com implicações de conteúdo. Os fatos são selecionados e interpretados de acordo com o modo de pensar a realidade dos narradores (que escrevem com o verbo na terceira pessoa do singular), das personagens narradoras (que se valem da primeira pessoa do singular) ou das personagens que vivenciam uma cena. (ABDALA JUNIOR, 1995, p. 26).

O narrador de *Negrinha* é o mais utilizado na narrativa clássica, sendo o que tem mais conhecimento do que as personagens e transmite seus pensamentos e sentimentos (TODOROV, 2011). No caso do conto, o narrador se posiciona em terceira pessoa e tem conhecimento sobre o interior das personagens e os contextos das histórias, podendo interferir na narrativa. Além disso, também se trata de um narrador intruso, já que expõe suas próprias opiniões e críticas aos acontecimentos e ações das personagens. Ao se focalizar em *Negrinha*, o narrador enfatiza aspectos do imaginário infantil e de uma linguagem mais ligada ao que se associa às crianças.

Narrador crítico

Como já apontado anteriormente, ao decorrer do conto é possível notar a presença da opinião do narrador. Além de contar a história e expor os pensamentos de Dona Inácia e *Negrinha*, ele também faz suas críticas sobre os acontecimentos da história, de forma bastante ácida e sarcástica. A seguir apresentam-se algumas passagens que exemplificam tais ocorrências:

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da sua carne, e por isso não suportava

o choro da carne escrava. Assim, mal vagia, longe na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? (LOBATO, 2012, p. 8).

Na passagem em questão, Dona Inácia mostra-se irritada pelo choro de Negrinha e reclama perguntando quem estava chorando, pergunta que é óbvia, já que ela é a única criança presente na casa. Assim, impulsionado pela maldade da senhora, o narrador questiona quem seria a pessoa a chorar, fornecendo objetos inanimados como opções para o choro, que são opções absurdas para o universo do conto, como se zombasse de Dona Inácia. Há outra passagem se assemelha a essa: “Não sabem? Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela guardava para o fim” (LOBATO, 2012, p. 11).

Em outro trecho, é possível notar que o narrador se refere a *qualquer coisinha*, que para Dona Inácia correspondem às crueldades cometidas às pessoas escravizadas, para dizer que, na realidade, trata-se de crimes graves: “[...] — essa indecência de negro igual a branco; e qualquer coisinha, a polícia! ‘Qualquer coisinha’: uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho, porque disse: — ‘Como é ruim, a sinhá’[...]” (LOBATO, 2012, p. 10).

A passagem a seguir mostra uma estratégia semelhante: “Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.” (LOBATO, 2012, p. 12). Nota-se o sarcasmo ao se utilizar a palavra *Santa* para descrever Dona Inácia, já que suas ações não tinham nenhuma santidade.

Considerando os exemplos expostos, pode-se notar que o narrador do conto se mostra averso às atitudes e ideias de Dona Inácia, assim como é empático por Negrinha em todo seu sofrimento infantil, reconhecendo-a como humana: “Que ideia faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho?” (LOBATO, 2012, p. 9); e “Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo.” (LOBATO, 2012, p. 15).

A construção da personagem infantil

Ao longo do conto, é possível notar que, apesar de evidentemente ser a antagonista da história, com pensamentos racistas e a desumanização de uma criança, o léxico usado para se referir à Dona Inácia é associado, na maioria das vezes, a termos e palavras positivas ou que expressam certo poder. Em oposição, Negrinha é sempre remetida a palavras negativas, sobretudo injúrias e ofensas. A descrição de Dona Inácia, quando não está sendo satirizada pelo narrador, é, na verdade, a visão que os padres e a sociedade da época têm dela:

Excelente senhora, a **patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada** pelos padres, com lugar certo na igreja e **camarote de luxo** no céu. Entaladas as banhas no trono uma cadeira de balanço na sala de jantar, — ali bordava, recebendo as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma **virtuosa** senhora, em suma — ‘dama de grandes virtudes apostólicas, **esteio da religião e da moral**’, dizia o padre. (LOBATO, 2012, p. 8, grifo nosso).

Aos termos referente à Negrinha, há os que são a descrição do autor sobre suas condições miseráveis nas mãos de Dona Inácia: “[...] olhos **assustados** [...]” (LOBATO, 2012, p. 8, grifo nosso); “[...] **magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados.**” (LOBATO, 2012, p. 9, grifo nosso); “[...] **triste** criança [...]” (LOBATO, 2012, p. 8, grifo nosso); “O corpo de Negrinha era tatuado de sinais **roxos, cicatrizes, vergões.**” (LOBATO, 2012, p. 10, grifo nosso).

Com isso, é possível notar que Negrinha não se encontra em um estado saudável, mentalmente e fisicamente. Entretanto, a situação é ainda pior quando o narrador enumera as diversas atrocidades pelas quais Dona Inácia e outros adultos a chamavam:

Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisco, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — **bubônica**. (LOBATO, 2012, p. 9-10, grifo nosso).

Entre o léxico citado, não há nada que se refira diretamente à humanidade, mas ficam no campo do animalesco, do monstruoso e do sujo. Por isso, Negrinha cresceu sem se perceber como uma pessoa, mas como coisa.

Para se construir a imagem infantil de Negrinha, observa-se no conto, sobretudo, o uso de diminutivos e do trabalho com o lúdico. Há o uso recorrente de diminutivos que o narrador

emprega quando está falando sobre a personagem: “A mãe da criminosa abafava a **boquinha** da filha e corria com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões desesperados” (LOBATO, 2012, p. 8, grifo nosso); “Cruzava os **bracinhos**, a tremer, sempre com o susto nos olhos.” (LOBATO, 2012, p. 9, grifo nosso); “Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar **trancinhas** sem fim.” (LOBATO, 2012, p. 9, grifo nosso); “Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, **encolhidinha** a um canto, trêmula, olhar esgazeado, aguardava alguma coisa de nunca visto.” (LOBATO, 2012, p. 11, grifo nosso); “Como seria bom brincar! - refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa **martirzinha**, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.” (LOBATO, 2012, p. 13, grifo nosso); “As meninas novamente torceram-se de riso; mas, vendo que o êxtase da **bobinha** perdurava, disseram, estendendo-lhe a boneca: — Pegue!” (LOBATO, 2012, p. 14, grifo nosso); “Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada **carinha**...” (LOBATO, 2012, p. 15, grifo nosso); “Morreu na **esteirinha** rota, abandonada de todos, como um gato sem dono.” (LOBATO, 2012, p. 16, grifo nosso); “Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela **carnezinha** de terceira.” (LOBATO, 2012, p. 16, grifo nosso).

O sufixo *-(z)inho(a)* é bastante variado em seus significados, podendo estar associado às noções de afetividade, atenuação, apreciação, desprezo, mas principalmente a um pequeno tamanho (TURUNEN, 2010). Nas passagens listadas, os usos dos diminutivos podem ser interpretados de duas maneiras: no contexto do conto, o narrador parece ser o único que enxerga negrinha como criança e como humana, assim, há aplicação do diminutivo com seu valor de afetivo, já que o sufixo também está associado à fala infantil e como adultos se referem às crianças. Contudo, considerando a forma como a personagem é descrita e tratada, também é possível que o diminutivo seja usado para se referir a Negrinha como um ser reduzido e atenuado em sua existência.

O diminutivo também é utilizado quando o foco narrativo é deslocado para o ponto de vista de Negrinha, para se adequar ao discurso infantil e construir a imagem da criança: “[...] um cuco tão **engraçadinho**! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se, então, feliz instante.” (LOBATO, 2012, p. 9, grifo nosso); “[...] viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu - alegres pulando e rindo com a vivacidade de **cachorrinhos** novos.” (LOBATO, 2012, p. 12, grifo nosso); “Um **cavalinho**! E mais... Que é aquilo? Uma **criancinha** de cabelos amarelos... que fala ‘mamá’...

que dormia...” (LOBATO, 2012, p. 13, grifo nosso); “Era como se penetrara o céu e os anjos a rodeassem, e um **filhinho** de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta.” (LOBATO, 2012, p. 14, grifo nosso).

Tais exemplos mostram, além da adequação da fala infantil, a presença do imaginário infantil. Negrinha apenas podia apelar para o cuco do relógio para exercitar sua imaginação e fugir de sua realidade. O cuco está desde o início da narrativa com a menina, acompanhando-a em momentos difíceis, como no episódio do ovo quente: “Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos.” (LOBATO, 2012, p. 11). Ao fim do conto, nos últimos momentos de Negrinha, a figura faz sua aparição final, mas imóvel, sem o rufar das asas que chamava a atenção da criança.

Segundo Sarmiento (2002), a criança vive o confronto com a dor por meio do imaginário, há a transposição do sofrimento para o prazer da brincadeira, tornando a vida mais aceitável. Com a chegada das sobrinhas de Dona Inácia, Negrinha pôde finalmente conhecer brinquedos de verdade, teve pela primeira vez a oportunidade de brincar e, assim, conseguiu se aprofundar em sua imaginação e esqueceu da realidade cruel em que vivia. Dentro das brincadeiras se descobriu humana: “Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa.” (LOBATO, 2012, p. 15). Quando as sobrinhas deixam a casa de Dona Inácia, levando as bonecas, Negrinha não pode mais suportar sua realidade, já está transformada, não é mais coisa, e não tem recursos para fugir para dentro de suas fantasias. É o imaginário infantil que acaba a levando à morte, já que não suporta mais viver em uma realidade tão desumanizadora e cruel.

Considerações finais

A análise feita neste artigo permitiu que se estudasse a forma como Monteiro Lobato trabalhou com um narrador capaz de criticar os aspectos problemáticos inseridos no contexto do conto *Negrinha* e, ainda, trazer a perspectiva de uma criança que, diferentemente de suas outras obras, não teve oportunidade de viver sua infância plenamente. Ao longo da análise, pode-se observar, além da construção da personagem infantil, o modo como Negrinha e Dona Inácia foram criadas lexicalmente, deixando claro o papel de cada uma na sociedade da época e refletindo a realidade vivida por diversas pessoas ex-escravizadas e seus descendentes,

vítimas de uma mudança mal estruturada em uma sociedade racista que não aceitou o fim da escravidão.

Através do deslocamento do foco narrativo o autor expôs os pensamentos e opiniões do narrador em relação à Dona Inácia e à sociedade da época. Conectado às suas obras de Literatura Infantil, Lobato construiu uma personagem infantil por meio do léxico e do imaginário da criança. Assim, mesmo que de forma sutil e que Negrinha tenha ficado a maior parte do tempo imobilizada por Dona Inácia, o autor conseguiu representar o infantil no meio do caos do conto. Desse modo, pôde-se notar como a imaginação e o lúdico são importantes para crianças, sobretudo em situações de negligência, como a que a personagem vive.

Ao estudar *Negrinha*, que procura expor a perspectiva de uma criança vítima de racismo no contexto pós-Abolição, pôde-se compreender a sociedade do momento histórico. Rosenfeld (2014, p. 46) aponta que “o leitor *contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar”. Considerando tal afirmação, o estudo do conto permite que se expanda as visões e as perspectivas dos acontecimentos da época em que foi produzido, principalmente em relação ao tratamento de uma criança negra inserida em uma sociedade racista.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 50-68.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J.; BREMOND, Claude; ECO, Umberto; GRITTI, Jules; MORIN, Violette; METZ, Christian; TODOROV, Tzvetan; GENETTE, Gerard. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zelia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-69.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências**. 1999. 165p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270120>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J.; BREMOND, Claude; ECO, Umberto; GRITTI, Jules; MORIN, Violette; METZ, Christian; TODOROV, Tzvetan; GENETTE, Gerard. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zelia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 110-135.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 51-80.

DILL, Elisa I. C.; GHAZIRI, Samir M. A representação do imaginário nas obras de Monteiro Lobato e Gabriel García Márquez. **Cadernos de Literatura Comparada**, Porto (Portugal), n. 38, p. 363-374, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp38v3>.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.

GOUVÊA, Maria Cristina. A construção do “infantil” na literatura brasileira. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23848>. Acesso em: 27 jul. 2021.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HERGESEL, João Paulo. Análise estilística: o que é e como realizá-la? – com aplicabilidade na obra de Bruno Molinero. **Caxangá**, Poços de Caldas (MG), n.3, 2021. p. 237-249. Disponível em: <https://revistacaxanga.files.wordpress.com/2021/07/caxanga-v3-n1.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

LIMA, Maria Ismênia; FERREIRA, Jailma da Costa; SILVA, Maria do Carmo Gomes. Infância e preconceito em *Negrinha*, de Monteiro Lobato. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2016, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/23026>. Acesso em: 27 jul. 2021.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo, 2012.

MARINGONI, Gilberto. O destino dos negros após a Abolição. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, ano 8, ed. 70, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28. Acesso em: 27 jul. 2021.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In*: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 9-50.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e cultura da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 21, 2002. Acesso em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1467>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura Infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 2019-242, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.v23i46>.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. *In*: BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J.; BREMOND, Claude; ECO, Umberto; GRITTI, Jules; MORIN, Violette; METZ, Christian;

TODOROV, Tzvetan; GENETTE, Gerard. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zelia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 209-254.

TURUNEN, Virpi. A multifuncionalidade do diminutivo -(z)inho no português do Brasil. *In*: CONGRÈS DES ROMANISTES SCANDINAVES, 17., 2010, Tampere (Finlândia). **Anais [...]**. Tampere (Finlândia): Tampere University Press, 2010. p. 1239-1255.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, ed. 36, p. 141-152, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9715>. Acesso em: 27 jul. 2021.